

# Ferdinand de Saussure e a sociologia durkheimiana

Letícia Ludwig Loder  
Valdir do Nascimento Flores

**RESUMO:** *Ce texte présente une comparaison entre deux ouvrages fondateurs, quant aux aspects de construction de la méthode et de l'objet : Les Règles de la Méthode Sociologique de David Émile Durkheim et le Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure. À partir de ce corpus épistémologique, on veut présenter les arguments qui donnent support au statut de scientificité et d'autonomie disciplinaire des sciences humaines de la fin du XIX<sup>e</sup> siècle et début du XX<sup>e</sup>.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Epistemologia da lingüística; Sociologia; Lingüística.*

## INTRODUÇÃO

O final do século XIX e início do século XX foram marcados por um impulso das disciplinas das ciências humanas no sentido de reivindicar e sustentar seu estatuto de cientificidade, cada uma delas buscando definir seus territórios. Esse movimento, em que se encontravam também a sociologia e a lingüística, “se traduziu, nas últimas décadas [do século XIX], em numerosos trabalhos de definição de objeto e método” (BOUQUET 2004, p. 46), e, a este respeito, certamente os nomes de Émile Durkheim e Ferdinand de Saussure se destacam com relação à preocupação em esclarecer e explicitar os pressupostos epistemológicos das suas disciplinas.

Saussure manifestava sua preocupação com este tema ao expor, em carta a um amigo, datada de 1894, que “estou aborrecido com tudo isso, e com

---

Letícia Ludwig Loder é mestre em Lingüística Aplicada (PPG Letras/UFRGS).

Valdir do Nascimento Flores é professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Pesquisador do CNPq.

a dificuldade geral de escrever sequer dez linhas sensatas a respeito de assuntos lingüísticos. (...) estou cada vez mais consciente da imensa quantidade de trabalho que seria necessária para mostrar ao lingüista *o que ele está fazendo*" (CULLER 1979, p. 9, grifo no original).

Durkheim, por seu turno, defendia que

a sociologia não é, pois, anexo de nenhuma outra ciência; constitui ela mesma uma ciência distinta e autônoma (...) Todavia, uma ciência não pode considerar-se como definitivamente constituída senão quando tiver conseguido formar uma personalidade independente (DURKHEIM 1984, p. 127).

Assim, tanto Saussure quanto Durkheim estão atentos à necessidade de esclarecer os princípios epistemológicos de suas respectivas disciplinas e, ao levarem a cabo essa tarefa, cada um a sua maneira (Durkheim, publicando o seu *As Regras do Método Sociológico*, e Saussure nos seus cursos de lingüística geral, que serão, depois, reunidos no *Curso de Lingüística Geral*), acabam por causar uma mudança de rumos em suas respectivas áreas, ocupando, assim, uma posição de destaque na consolidação do que se conhece hoje por lingüística e por sociologia.

Visto, então, que, em linhas gerais, suas preocupações são de natureza semelhante, o objetivo do presente trabalho será investigar, a partir dos discursos que sustentam os argumentos de cientificidade e de autonomia de suas disciplinas, em que aspectos as reflexões de Saussure e Durkheim se relacionam. O foco será na comparação dos textos *As Regras do Método Sociológico* (doravante *Regras*), de Durkheim, e *Curso de Lingüística Geral* (doravante *Curso*), de Saussure, porque esses são os materiais que trazem de modo mais explícito e organizado os posicionamentos dos respectivos autores a este respeito.

Considerado esse objetivo, dois pontos metodológicos devem melhor precisados. O primeiro diz respeito à relação presumida entre Durkheim e Saussure. Em outras palavras: por que se optou pelo contraponto desses autores? Ou ainda: o que se quer dizer ao afirmar no parágrafo anterior que se quer ver como as idéias de Durkheim e Saussure se relacionam?

Em resposta a este primeiro ponto, pode-se dizer que a intenção é, a partir de um pequeno *corpus* epistemológico, os dois textos, circunscrever a gênese de diferentes modos de constituir diferentes campos do conhecimento. Isso pode ser justificado, ao menos, em uma direção: tanto Durkheim quanto Saussure são "autores", no sentido que Michel Foucault atribui a este termo, qual seja, o de serem fundadores de discursividade. Durkheim e Saussure, cada um a seu modo, fundam (ao mesmo tempo em que são), para a sociologia e a lingüística, respectivamente, um "princípio de agru-

pamento do discurso, unidade e origem de suas significações, como centro de sua coerência" (FOUCAULT 1971, p. 11). Assim, a relação que será posta em destaque é a que circunscreve a posição de autoria que cada um ocupa relativamente a seu campo disciplinar.

O *corpus*, constituído que é pelas teorias subjacentes aos textos, não é imune às teorias que ajuda a constituir. Assim, em certa medida, fazer uma análise epistemológica comparativa é colocar em contraponto heranças e filiações responsáveis por uma cartografia cujo impacto, talvez, ainda não tenha sido devidamente avaliado.

O segundo ponto diz respeito à comparação anunciada entre *As Regras do Método Sociológico* e o *Curso de Lingüística Geral*. A comparação é aqui tomada como um método que destaca diferenças e semelhanças entre duas ou mais realidades. No caso específico do *corpus* em análise, tais diferenças/semelhanças são identificadas dentro do limite que a visada epistemológica permite, que nada mais é que "a ordenação, classificação e distinção de conceitos" (MILNER 1987, p. 41).

À guisa de introdução, cabem ainda algumas informações gerais. Como se verá, explicita-se, ao longo do texto, o recurso à informação histórica, mesmo que resumidamente, tanto de caráter biográfico quanto bibliográfico<sup>1</sup>. Esse procedimento é bastante comum em trabalhos que têm *corpus* de natureza epistemológica e que se baseiam em métodos comparativos. Neste texto, essas informações cumprem uma função específica. De um lado, observar possíveis reflexos de questões levantadas por Durkheim além da fronteira não só política, entre a França e a Suíça, mas também disciplinar, entre a sociologia e a lingüística. De outro lado, esboçar certo *modus operandi* das ciências humanas no final do século XIX e início do XX<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Isso se impõe uma vez que *As Regras do Método Sociológico* fora publicado em 1894 (segunda edição em 1901), enquanto que o *Curso de Lingüística Geral*, de Saussure, só aparece em 1916, depois da morte do próprio Saussure e na época em que Durkheim já se encontrava enfermo (faleceria no ano seguinte). Portanto, cronologicamente, o texto de Durkheim surgiu publicado bem antes do de Saussure e, conforme Lukes (1973) destaca, "na virada do século, a idéia de sociologia [já] havia adquirido uma nova popularidade na Europa e nos Estados Unidos" (p. 392), passando a permear também outras áreas de estudo além da própria sociologia.

<sup>2</sup> Em favor do que foi dito acima, vale citar Dosse (1993), quando afirma a propósito das ciências na virada do século passado:

Para Durkheim, (...), a sociedade constitui um todo irreduzível à soma de suas partes. É nessa base que irá constituir-se a disciplina sociológica. O *êxito crescente da noção de sistema, depois da de estrutura, encontra-se vinculado ao conjunto das mutações científicas das diversas disciplinas na virada do século*, principalmente, à sua capacidade para explicar a interdependência dos elementos constitutivos do seu objeto próprio (DOSSE 1993, p. 34) [grifo nosso].



Feitas as considerações acerca do que conduz o presente trabalho, pode-se ainda elaborar uma observação geral dirigida aos leitores: este texto é endereçado a quem tem algum interesse no conhecimento da constituição epistemológica do saber da lingüística.

Em Flores (2006), encontra-se uma crítica contumaz à ausência de reflexão epistemológica no campo da lingüística. Para o autor, poucos são os autorizados a recolocar as questões que fundaram os sistemas de pensamento<sup>3</sup>. Diz ele:

A constatação desse impedimento decorre da simples vista d'olhos pela literatura especializada da área. Há forte tendência em se aplicar modelos, em contribuir para o refinamento do potencial descritivo e/ou explicativo desses modelos, porém, pouco se diz sobre os conceitos primitivos que sustentam os aparatos metodológicos. Há, inclusive, quem não os conheça (FLORES 2006, no prelo).

Em síntese, caminha-se, na lingüística, rumo a uma ausência de referência a qualquer valor transcendental, moral, ético, etc.: trata-se tão-somente do se curvar à "circulação infinita e expandida" dos métodos. Isso conduz a uma crise no campo de estudos da linguagem, crise esta derivada da crescente formalização da lingüística que instaura um saber-fazer independente de um saber-pensar.

Nesse sentido, a pesquisa aqui empreendida deve permitir alguma orientação aos iniciantes em epistemologia da lingüística, tarefa complicada, permeada por inúmeros eixos, nem sempre convergentes. Resta ainda um aviso: este texto é feito por dois lingüistas e carrega as marcas do limite e do alcance que essa condição de autoria impõe.

## SOBRE ÉMILE DURKHEIM<sup>4</sup>

David Émile Durkheim nasceu em Épinal, na região de Lorena, França, em 15 de abril de 1858. Foi criado em uma família de rabinos de renome na região e educado dentro dos preceitos judeus tradicionais. Decidiu-se, desde muito cedo, a seguir a vida de estudos e mudou-se para Paris para ingressar na *École Normale Supérieure*. Foi em seu período na instituição, que

<sup>3</sup> Talvez N. Chomsky seja um dos últimos exemplos de permanência do saber-pensar no campo da linguagem. Observe-se, a exemplo disso, o recente *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo, UNESP, 2006.

<sup>4</sup> Esta seção foi escrita com base nas informações de ALPERT (1945) e LUKES (1973).

reunia a elite intelectual da França e que exigia uma disciplina rigorosa de seus alunos, que Durkheim decidiu romper com o judaísmo e determinou-se a seguir a carreira acadêmica. Em 1882, tornou-se professor de Filosofia, dando aulas em liceus. Em 1883, definiu que o tema de sua tese de doutoramento seriam as "relações entre a personalidade individual e a solidariedade social" (LUKES 1973, p. 66), no que, mais tarde, iria se tornar o seu *Da Divisão do Trabalho Social*.

Foi convidado a assumir o cargo de professor de ciência social e pedagogia, na Faculdade de Letras de Bordeaux em 1887, mesmo ano em que se casou com Louise Dreyfus (com quem teve dois filhos). Durkheim era um exímio orador, cuja clareza e didática impressionavam não só a seus alunos, como também a seus colegas. Em Bordeaux, Durkheim deu cursos sobre educação moral, solidariedade social e a divisão do trabalho, família e casamento, suicídio, psicologia, religião.

Em 1893, defendeu sua tese de doutoramento sobre a divisão do trabalho social na Sorbonne. Em 1894, publicou a primeira edição de *As Regras do Método Sociológico*, causando polêmica e ocasionando muitas críticas a respeito de seu trabalho. Em 1896, assumiu a cátedra de sociologia criada especialmente para ele, em Bordeaux. Em 1897, publicou o *Suicídio*. Em 1898, a fim de promover aproximação entre as ciências sociais, fomentar o interesse pela pesquisa social especializada e o espírito de cooperação científica sistemática, fundou o periódico *Année Sociologique* com alguns colegas e pupilos.

Em 1902, foi convidado a lecionar na Sorbonne, em Paris. Em 1912, publicou *As Formas Elementares da Vida Religiosa*.

A partir de 1914, com a Primeira Guerra Mundial, se dedicou à tarefa de defesa nacional (LUKES 1973, p. 548), através da elaboração de livretes a fim de promover a manutenção da moral nacional. Durante a Guerra, Durkheim manteve sua função como professor da universidade, embora já sem muito entusiasmo, porque muitos de seus alunos estavam sendo convocados para a frente de batalha, sendo que muitos efetivamente morreram. Esse foi o caso de seu estimado filho, André Durkheim. A notícia do falecimento de seu filho chegou em abril de 1916, após o que Durkheim ficou muito abatido e doente, embora continuasse suas atividades letivas. Faleceu em 15 de novembro de 1917.

Antes de sua morte, Durkheim pretendia ter publicado um volume reunindo seus estudos sobre a moral, que seria "a coroação de seu trabalho" (ALPERT 1945, p. 77), o que acabou não se concretizando<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> François Dosse dedica inúmeras passagens dos dois volumes de seu *História do estruturalismo* (1993 e 1994) a Durkheim. Nelas, o autor registra que o termo *estrutura* "ainda ausente em Hegel e pouco freqüente em Marx (...) é consagrado no final do século XIX por Durkheim" (1993, p. 15), em *Les règles de la méthode sociologique*. Além disso, Dosse dedica um capítulo



## SOBRE FERDINAND DE SAUSSURE<sup>6</sup>

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 26 de novembro de 1857. Foi criado em um ambiente familiar que fomentava a cultura científica, tendo entre seus ascendentes, naturalistas, físicos e geógrafos. No desejo de perpetuar a tradição familiar, em 1875, Saussure ingressou na Universidade de Genebra, inscrevendo-se nos estudos clássicos e tendo também frequentado cursos de química e física. Em 1876, mudou-se para Leipzig. Lá, estudou sânscrito, iraniano, irlandês antigo, eslavo antigo e lituano. Em 1879, aos vinte e dois anos de idade, publicou o seu *Estudo sobre o primitivo sistema das vogais nas línguas indo-européias*, que lhe conferiu, na época, grande notoriedade entre os lingüistas. Em 1880, defendeu sua tese de doutoramento intitulada *O uso do genitivo absoluto em sânscrito*, partindo, em seguida, para uma viagem de estudos à Lituânia e, no final desse mesmo ano, indo a Paris (onde permaneceu de 1880 a 1890). Lá, na *École Pratique de Hautes Études*, estudou com Michel Bréal, além de ministrar conferências sobre gramática comparada. Nesse período, publicou importantes estudos em periódico da Sociedade Lingüística de Paris e travou contato com vários estudiosos importantes, entre eles, Antoine Meillet, que era seu aluno e que viria a se tornar seu grande amigo e correspondente. Apesar de ter sido convidado a ficar em Paris, retornou a Genebra em 1891, assumindo a cátedra de história e comparação de línguas indo-européias. Desse momento em diante, Saussure cai num período de desânimo, deixando muitos escritos incompletos e passando a publicar cada vez menos. Em 1906, assume o encargo de ensinar lingüística geral. Entretanto, mesmo antes desse período, as questões da lingüística geral já ocupavam sua atenção<sup>7</sup>. Nos períodos de 1906-1907,

inteiro do segundo volume de seu *História*, intitulado *O segundo alento dos durkheimianos: Pierre Bordieu*, para situar a influência de Durkheim na sociologia de Bordieu.

<sup>6</sup> Essa seção está baseada, em especial, em MOUNIN (1968 p. 10-17).

<sup>7</sup> Em carta a Meillet (que inclui o trecho já citado na introdução), em 1894, Saussure escreve: Mas estou aborrecido com tudo isso, e com a dificuldade geral de escrever sequer dez linhas sensatas a respeito de assuntos lingüísticos. (...) estou cada vez mais consciente da imensa quantidade de trabalho que seria necessário para mostrar ao lingüista o que ele está fazendo (...) Isso me levará, contra a minha vontade, a um livro no qual explicarei, sem entusiasmo nem paixão, porque não há um único termo usado em lingüística que tenha qualquer significado para mim. Só depois disso, confesso, serei capaz de recomeçar meu trabalho a partir do ponto em que o interrompi (CULLER 1979, p. 9).

A passagem evidencia que não era o objetivo central de Saussure se debruçar sobre discussões epistemológicas de lingüística, mas que essa seria uma tarefa necessária (talvez porque seu ofício de professor de lingüística geral exigisse dele ter clareza destas questões, tomando, portanto, para si a tarefa de organizá-las).

1908-1909 e 1910-1911, ministra três cursos sobre esse tema, a partir dos quais seria elaborada sua obra póstuma *Curso de Lingüística Geral*, que marcaria definitivamente seu lugar na história das ciências humanas modernas. Após adoentar-se, faleceu em 1913.

## COMPARANDO TRAJETÓRIAS

Durkheim gozou de grande prestígio ainda em vida, tendo seus trabalhos garantido-lhe sucessivas posições de destaque no meio acadêmico e projeção nacional e internacional (LUKES 1973, p. 392-409, sobre como a sociologia durkheimiana se difundiu ainda durante a vida de Durkheim), sendo, hoje, enquadrado entre os autores clássicos da sociologia. Saussure, por seu turno, apesar da notoriedade que adquiriu em sua época, entre os lingüistas-comparatistas, quando da publicação de seu trabalho sobre o sistema de vogais do indo-europeu<sup>8</sup>, entrou para a posteridade e tornou-se um marco nas ciências da linguagem muito mais em função da obra póstuma *Curso de Lingüística Geral*<sup>9</sup>.

Por outro lado, com o passar do tempo, Durkheim foi progressivamente ampliando o número de suas publicações e, eventualmente, teve chance de acrescentar questões que julgava terem sido pouco esclarecidas ou mal entendidas pelo público em prefácio a edições seguintes de seus livros (como foram os casos com *Da Divisão do Trabalho Social* e *As Regras do Método Sociológico*). Isso nos permite, hoje, ter uma imagem mais clara de seu percurso intelectual e das questões a que queria dar relevo. Saussure, entretanto, apesar de sua entrada bastante precoce na vida acadêmica, na idade madura, quando poderia ter incrementado e aprofundado mais sua produção intelectual, entrou em um período de silêncio quase absoluto no

<sup>8</sup>Ver: SAUSSURE, F. *Memoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* Slatkine Reprints, Genève-Paris, 1984.

<sup>9</sup> Ao que podemos chamar de *Saussure do Curso*, cabe acrescentar outras publicações póstumas do autor. É algo que, na falta de denominação melhor, evocaremos pela designação de *os outros saussures*. São eles: os *Escritos de Lingüística Geral* (2004) - organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler - que reúnem um "conjunto de manuscritos descobertos na estufa do hotel genebrino da família de Saussure e depositados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra" (BOUQUET; ENGLER, 2004, p. 16); e *Os Anagramas* - organizados por Jean Starobinski em *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1974) - publicados a partir de cadernos distribuídos em oito caixas que se estão na Biblioteca da Universidade Pública de Genebra. O conjunto das três referências - *Curso*, *Escritos e Anagramas* - pode, sem dúvida, ser entendido como o sistema de pensamento de Saussure.



que diz respeito a publicações. Especificamente com respeito a seus cursos sobre lingüística geral, costumava destruir as anotações que fazia em preparação para suas aulas (SAUSSURE 2003, p. 1), e as que estavam disponíveis eram muito fragmentadas para que, a partir delas, se pudesse compor um volume<sup>10</sup>. Então, dois de seus discípulos (Charles Bally e Albert Séchehay, que, entretanto, não haviam frequentado todos os cursos), no anseio de não ver perdidos os ensinamentos do mestre, organizaram e publicaram, em 1916, o volume *Curso de Lingüística Geral* fundamentalmente a partir das anotações de aula de outros alunos. Uma vez que, entre outras coisas, a “ordem de apresentação [dos temas no livro] não é provavelmente a que Saussure teria escolhido (CULLER 1979, p. 10), o grande legado que temos de Saussure não é diretamente de sua própria pena e, portanto, ficamos com poucos subsídios para acompanhar o desenvolvimento de suas idéias tal como ele o intentou. Apesar das múltiplas críticas que o livro recebeu (principalmente de que os editores buscaram dar forma definitiva a pensamentos de Saussure que estavam em aberto, em processo de elaboração (vide MOUNIN 1968, p. 28) e (BOUQUET 2004, p. 13)), foi esse o texto que efetivamente teve seu lugar na história; “o Curso, tal como foi criado por Bally e Séchehay, é a fonte da influência e da reputação de Saussure” (CULLER 1979, p. 10)<sup>11</sup>.

Diferentemente de Durkheim, que, com seu *Regras*, pretendia “caracterizar e definir o método [a ser aplicado] ao estudo dos fatos sociais”, que acreditava ele ser “mais preciso, adaptado de maneira mais exata à natureza particular dos fenômenos sociais” (DURKHEIM 1984, p. XXXV-XXXVI), método esse que o sociólogo deveria seguir a fim de que suas descobertas fossem cientificamente abalizadas, as reflexões sobre lingüística geral de Saussure (segundo a exegese feita por Bouquet) atendiam a dois propósitos:

<sup>10</sup> Dizem Bally e Sechehay no prefácio à primeira edição do *Curso*:

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevistamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand Saussure, combinadas com as notas dos estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos dos discípulos (...). Essa verificação nos decepcionou tanto mais quanto obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos, que assinalam, na carreira de Ferdinand Saussure, uma etapa tão brilhante quanto aquela, já longínqua, em que tinha aparecido a *Mémoire sur les voyelles* (p. 1-2).

<sup>11</sup> Calvet, de modo mais enfático, expressa o mesmo pensamento quando diz que “os editores fabricaram uma ‘imagem de marca’ saussuriana que passou para a posteridade.” (1977, p. 23, grifo nosso)

tos: projetar os desenvolvimentos futuros da ciência lingüística (que, para Saussure, deveria estar integrada a uma ciência inexistente em sua época, batizada de semiologia, que se ocuparia do estudo “da vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE 2003, p. 24), incluindo não só os signos lingüísticos, mas também os do alfabeto de surdos-mudos, dos ritos simbólicos, dos sinais militares, etc.) e organizar o grande volume de descobertas lingüísticas de sua época, traçando uma epistemologia da gramática comparada (que reclamava uma síntese “necessária para definir sensatamente [seus] princípios e métodos” (BOUQUET 2004, p. 65)). Mesmo que Saussure não estivesse pregando propriamente um *método* único a ser seguido pelos lingüistas, suas preocupações epistemológicas ficam evidentes nas discussões que propõe para as questões enfrentadas pelo lingüista no curso de seu trabalho<sup>12</sup>.

Eis, assim, um breve panorama contrastivo dos percursos acadêmicos e dos diferentes focos desses dois pensadores contemporâneos.

## SAUSSURE E DURKHEIM FRENTE A FRENTE?

A proximidade geográfica (França e Suíça), temporal e epistemológica (como se argumentará a seguir) entre Saussure e Durkheim levou a especulações sobre o fato de um conhecer o outro. Mounin levanta a questão: “Existiu algum contato e conhecimento direto entre as obras ou inclusive entre os homens [Saussure e Durkheim]?” (MOUNIN 1968, p. 17-18). Embora não se possa ter certeza dos fatos, parece que um elo de ligação bem evidente entre os dois teria sido o lingüista-comparatista francês Antoine Meillet. Por um lado, Meillet estava sediado na França, teve bastante participação no periódico *Année*, fundado e organizado por Durkheim, tendo contribuído em oito dos doze volumes (LUKES 1973, p. 655). Além disso, mais tarde, estabeleceu um importante elo de ligação com Durkheim, uma vez que o lingüista era o encarregado da formação de André Durkheim, filho de Émile, para ser “o lingüista-sociólogo que tanta falta fazia na equipe do *Année*.” (ALPERT 1945, p. 92).

Por outro lado, Meillet havia sido aluno de Saussure quando de seu

<sup>12</sup> Sobre Durkheim e Saussure, é Lévi-Strauss quem vai se manifestar: “O que, na esteira de Rousseau, Marx, Durkheim, Saussure e Freud, o estruturalismo procura realizar é desvendar para consciência um outro objeto: colocá-la, portanto, *vis-à-vis* dos fenômenos humanos, numa posição comparável àquela em que as ciências físicas e naturais provaram que somente elas podiam permitir ao conhecimento se exercer” (LÉVI-STRAUSS apud DOSSE 1993, p. 292)



período em Paris, após o que se tornaram íntimos amigos e trocaram correspondências com frequência. Uma vez que “Meillet, de fato, se declarava explicitamente durkheimiano” (MOUNIN 1968, p. 18), através dele, Saussure pode ter tomado conhecimento das teses durkheimianas que circulavam desde 1893 (quando Durkheim publicou *Da divisão do trabalho social*).

Há poucos registros sobre a vida íntima de Saussure, e, portanto, a possibilidade de confirmar se Saussure efetivamente leu Durkheim é remota, nos impedindo de abandonar o campo das especulações. Entretanto, o que se pode dizer, mesmo que seja apenas em termos especulatórios, é que, se efetivamente houve esse contato direto entre Durkheim e Saussure, certamente Meillet foi uma fonte propulsora importante.

Como lembra Câmara (1990), em seu *História da lingüística*, se, por um lado Saussure exercera forte influência sobre Meillet nos períodos anteriores aos cursos de Genebra, por outro lado, Meillet teria sido responsável pela ligação entre o que Saussure considera o aspecto coletivo da língua com o que Durkheim nomeia de realidade social em sua interpretação da sociedade. Aos olhos de Mattoso Câmara, a ligação entre Saussure e Durkheim é realmente Meillet. Diz ele:

Meillet estava, realmente, convencido de que a lingüística deveria ser um ramo da sociologia. Para ele, o aluno ideal de lingüística devia ser um sociólogo com sólido conhecimento lingüístico e bem treinado na técnica lingüística (CÂMARA, 1990, p. 121).

Abandonando o território das especulações e partindo para as análises anunciadas na introdução deste trabalho, passamos, agora, a discutir as possíveis relações e entrecruzamentos dos discursos de Durkheim e Saussure.

## ENCONTROS E DESENCONTROS

De início, é importante ter claro que, naturalmente por estarem em foco disciplinas diferentes, não há uma identidade nem de objetivos, de métodos ou de objetos entre as propostas de Saussure e Durkheim para a lingüística e para a sociologia, respectivamente. Enquanto Durkheim está, em suas análises, buscando ver “relações de causa e efeito” para explicar os fenômenos sociais, relações estas que poderão ser transformadas em regras de ação para o futuro (DURKHEIM 1984, p. XVII), Saussure está voltado a compreender como a língua se estrutura, como se dá sua organização interna (mas não a buscar suas causas ou sua gênese na espécie humana). São, portanto, empreendimentos diferentes, com focos distintos.

Apesar disso, estando ambos inseridos no já mencionado impulso por estabelecer as bases de cientificidade de suas disciplinas, é possível identificar pontos de aproximação entre os discursos epistemológicos de Saussure e de Durkheim, que se refletem na maneira como vêem o que é cientificamente legítimo para as áreas de estudo que estão tentando delimitar.

Uma primeira característica que se destaca na observação de ambos os discursos é a presença marcante de *dicotomias*. No caso de Durkheim, “subjacentes [a conceitos cruciais] estão algumas dicotomias bem marcadas (...) sobre as quais repousa seu pensamento” (LUKES 1973, p. 3). Entre essas dicotomias, estão *sociologia/psicologia*<sup>13</sup>; *normal/patológico*<sup>14</sup>; *sagrado/profano*<sup>15</sup>. Tamanha é a relevância das dicotomias para Durkheim que alguns comentadores chegam a falar no “apreço de Durkheim pelo dualismo” (STANNER apud LUKES 1973, p. 28). Para Saussure, por outro lado, as dicotomias também desempenham um papel importante, estando na base da definição de conceitos cardeais sobre os quais se assentam as suas reflexões, como, por exemplo, *significante/significado*, *sincronia/diacronia*, *língua/fala*, *sintagma/paradigma*. Entretanto, se, por um lado, as dicotomias de Durkheim podem ser entendidas como “oposições binárias” (LUKES 1973, p. 3, grifo nosso), em que os limites de cada um dos dois elementos são mutuamente excludentes<sup>16</sup>, em Saussure, nem sempre esse é o caso e “se pode pensar na (co)existência dos opostos” (FLORES 2003, p. 45). Assim, pensando, por exemplo, na dicotomia *significante/significado*, ao mesmo tempo em que podem ser entendidas como entidades distintas, sua coexistência é o que dá realidade ao *signo lingüístico*; é apenas pela união desses dois elementos que o elemento *signo* passa a existir. Portanto, as dicotomias são certamente centrais nos discursos epistemológicos tanto de Saussure quanto de Durkheim, apesar de serem

<sup>13</sup> A psicologia é a “ciência do indivíduo mental”, dos “estados individuais da consciência”, enquanto a sociologia trata dos fatos “exteriores às consciências individuais consideradas como tais” (DURKHEIM 1984, p. XXV-XXVI).

<sup>14</sup> “Qualquer sociedade real era bifurcada em (I) seu estado normal, idealmente integrado e (II) as condições patológicas que desviavam desse estado.” (LUKES 1973, p. 30).

<sup>15</sup> Como parte de sua sociologia da religião, Durkheim define que “coisas sagradas são simplesmente ideais coletivos que foram fixados em objetos materiais” e coisas profanas são “sensações que advêm do mundo físico” relacionadas a “coisas vulgares que interessam apenas a nossas individualidades físicas” (DURKHEIM apud LUKES 1973, p. 25-26).

<sup>16</sup> Tome-se a dicotomia *normal/patológico* como exemplo; Durkheim afirma que “é preciso que, desde o início da pesquisa, seja possível classificar os fatos em normais ou anormais” (DURKHEIM 1984, p. 55) uma vez que “[a ciência] tem o estudo do tipo normal como objeto imediato” (DURKHEIM 1984, p. 64). Assim, é crucial “definir o estado normal, explicando-o e distinguindo-o de seu contrário” (DURKHEIM 1984, p. 64).



exploradas de modos diferentes em cada um dos contextos<sup>17</sup>.

Dentre essas várias dicotomias, uma delas em especial parece se destacar como um ponto de aproximação muito evidente entre os dois pensamentos: a dicotomia *indivíduo/coletivo*.

Para Durkheim, conforme aponta Lukes (1973), “essa dicotomia central entre o social e o individual é, de certa forma, a pedra angular de todo o sistema de pensamento de Durkheim” (p. 22), tendo implicações na sua sociologia da moralidade, sociologia da religião, sociologia do conhecimento e estando na base de sua definição do fato social, que é o objeto por excelência da sociologia.

No caso de Saussure, essa dicotomia também é fundadora, porque é um dos pontos de apoio para definir um dos conceitos marcantes do pensamento saussuriano: a *língua* (evidentemente, sem demérito a outros conceitos fundamentais, como *arbitrariedade*, *valor*, *signo*, etc.). Importante destacar que Saussure não empreende nem advoga que se faça uma análise *sociológica* do fato lingüístico, não é esse o seu interesse focal. Entretanto, sua definição de língua está pontilhada de referências ao aspecto social e, portanto, torna-se interessante observar como se relacionam com as proposições da sociologia (durkheimiana) de sua época.

Buscando esclarecer um pouco o panorama de “miragens de toda a espécie” em que se encontra o estudo da linguagem (BOUQUET 2004, p. 69), uma vez que “o todo global formado pela linguagem é inclassificável” (SAUSSURE apud BOUQUET 2004, p. 217), Saussure busca circunscrever a noção de língua e, nessa trajetória, um dos pontos em que ancora a sua definição é a oposição com o conceito de fala (que só aparece na época do terceiro curso). A relação entre essas duas entidades é brevemente explicitada na asserção “A língua é para nós a linguagem menos a fala.” (SAUSSURE 2003, p. 92, grifo no original). Explicitando melhor o seu raciocínio, o autor explica essa relação dizendo que “o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a *língua*, que é *social* em sua essência e independente do indivíduo (...); outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a *fala*”, inclusive a fonação (...)” (p. 27, grifos meus). Essa distinção entre esses dois planos

<sup>17</sup> Em Saussure, é sempre possível ler a união dos opostos coexistindo em cada dicotomia. Todos os conceitos devem ser remetidos ao de *valor*, conceito cardeal da epistemologia saussuriana. Assim, para a dicotomia língua/fala há a linguagem: A *língua* é para nós a *linguagem* menos a *fala* (SAUSSURE, 2003 p. 92); para a do significante/significado há o signo: *conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo* (SAUSSURE, 2003, p. 140); para a dicotomia diacronia/sincronia há a *pancronicidade*: ... não se poderá estudar a língua de um ponto de vista *pancrônico*? Sem dúvida. (...) Em lingüística, como no jogo de xadrez, existem regras que sobrevivem a todos os acontecimentos (SAUSSURE, 2003, p. 112) para a do paradigma/sintagma há o sistema.

segue na mesma linha de raciocínio da afirmação de Durkheim de que “os estados da consciência coletiva são de natureza diferente dos estados da consciência individual” (DURKHEIM, 1984, p. XXVI). É nesse sentido, então, que Saussure coloca que, no estudo da linguagem, “podemos distinguir (...) lingüística da língua e lingüística da fala” (BOUQUET 2004, p. 217).

Dado, então, que a língua está do lado social da dicotomia, Saussure afirma que “em nenhum momento (...) a língua [existe] fora do fato social” (p. 92). A menção a *fato social* (que aparece algumas vezes ao longo do texto do *Curso*) nos suscita a lembrança de Durkheim, para quem o fato social é “o domínio *próprio* da sociologia” (DURKHEIM 1984, p. 3, grifo nosso), competindo legitimamente a ela e a nenhum outro ramo do conhecimento. Para ele, “crenças, tendências, práticas do grupo tomadas coletivamente (...) constituem os fatos sociais” (DURKHEIM 1984, p. 6). Definindo de maneira sintética, essa noção envolve “toda a maneira de agir (...) suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior (...) que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter” (DURKHEIM 1984, p. 11). Embora o próprio Durkheim assuma que essa “não constitui a única definição possível” (1984, p. XXIX) do objeto de pesquisa por excelência pertinente à sociologia, Lukes (1973, p. 11) identifica que essa conceituação envolve três critérios definidores: a) exterioridade<sup>18</sup>; b) coercitividade<sup>20</sup>; e c) generalidade-e-independência<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Como bem pontuou Bouquet (2004, p. 275), nos escritos de Saussure, a definição da entidade *fala* varia entre dois sentidos heterogêneos; ora é entendida como produto meramente fonatório, fato fonológico, ora designa a execução do sistema lingüístico, sendo assim um fato sintático, sem que haja, em nenhum momento, uma distinção clara entre essas duas acepções. Apesar do fato de que Saussure aponte que “no domínio da sintaxe, fato social e fato individual (...) se misturam um pouco, chegam a se misturar mais ou menos”, ele destaca que é “unicamente sobre essa fronteira [a da sintaxe] que podemos criticar uma separação entre a língua e a fala” (BOUQUET 2004, p. 274, grifo nosso), sustentando que “o mecanismo individual [a fala] (...) não se deve misturar, no estudo, com o produto geral [a língua] que está à parte do próprio produto” (BOUQUET 2004, p. 217). Essas passagens revelam, portanto, que, se a dicotomia pode causar confusão quando vista sob certos pontos de vista – sintáticos, por exemplo –, permanece sendo produtiva para distinguir objetos diferentes dentro do “todo global formado pela linguagem”, que são pertinentes a ciências distintas (“É preciso ter uma lingüística da língua e uma lingüística da fala” (BOUQUET 2004, p. 217)), apresentadas por Saussure como domínios “complementares” (BOUQUET 2004, p. 210).

<sup>19</sup> “(...) maneiras de agir (...) que apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais” (DURKHEIM 1984, p. 2).

<sup>20</sup> “o fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos” (1984, p. 8).

<sup>21</sup> “(...) podemos defini-lo [o fato social] também pela difusão que apresenta no interior do grupo (...) que existe independentemente das formas individuais que toma ao se difundir” (1984, p. 8).



Embora Saussure não faça referência direta a Durkheim em nenhum momento, sua definição de língua parece se ancorar nos critérios de exterioridade e generalidade-e-independência quando afirma que a língua “é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE 2003, p. 21)<sup>22</sup> e que “é mister uma *massa falante* para que exista a língua” (p. 92, grifo no original). Se está depositada em “todos os indivíduos”, é porque é *geral*; se “não está completa em nenhum [cérebro]”, é porque é *independente* de cada um deles; e, se “só na massa existe de modo completo” e se “é mister uma massa falante para que exista”, é porque é *exterior* a cada indivíduo. O caráter de coercitividade da língua fica evidente quando se afirma que a língua “é o produto que o indivíduo registra passivamente” (p. 22), ou seja, que se impõe externamente sobre ele (posição mantida em fragmento apresentado por Bouquet como “último texto manuscrito conhecido [de Saussure] a respeito de lingüística geral”, datado de 1912, em que a língua é mencionada como um “depósito passivo” (BOUQUET 2004, p. 219).

Há quem tenha visto em Saussure uma correspondência *exata* à noção durkheimiana de fato social: “Se vê, em suma, que a língua de Saussure (...) corresponde exatamente ao fato social de Durkheim. (...) No fundo, língua e fato social não são senão uma mesma coisa, já que a primeira não é senão uma espécie de réplica, de ilustração do segundo.” (DOROSZEWSKI 1958, p. 72). No entanto, caracterizá-los como “a mesma coisa” e como “réplica um do outro” me parece uma posição um tanto extremista porque, entre outras coisas, ignora que tanto língua quanto fato social são objetos de pesquisa diferentes, que se enquadram em disciplinas distintas, cujos focos de pesquisa são distintos (Saussure busca a *organização* interna da língua e

<sup>22</sup> Embora a redação desse fragmento no texto do *Curso* esteja mais sintética, é possível acompanhar o mesmo raciocínio nas anotações de Constantin, apresentadas por Bouquet:

Separando-se assim a língua da faculdade da linguagem, vemos que se pode dar à língua o nome de ‘produto’; é um produto social. (...) Pode-se representar esse produto de maneira muito exata – e teremos por assim dizer materialmente a língua – tomando o que está virtualmente no cérebro de uma soma de indivíduos, mesmo em estado de sono, que pertençam a uma mesma comunidade. Pode-se dizer que em cada uma dessas cabeças se encontra todo o produto a que chamamos língua. Pode-se dizer que o objeto a ser estudado é o tesouro de cada um depositado em nosso cérebro. Sem dúvida, esse tesouro, se o tomarmos de cada indivíduo, não estará perfeitamente completo em parte alguma (BOUQUET 2004, p. 125, n. 45).

Durkheim *explicações*, relações de causa e efeito, para fenômenos sociais).

Assim como se apresentou na discussão geral sobre as dicotomias em Saussure, aqui também, no caso de língua/fala, é possível ver não só uma *oposição* entre essas noções, mas também um reconhecimento de que *não* são *necessariamente* excludentes. Por um lado, a fala, para se constituir enquanto manifestação individual, carece da existência de uma língua: “há em cada indivíduo uma faculdade que podemos denominar *faculdade de linguagem articulada*”<sup>23</sup>. Essa faculdade (...) seria materialmente impossível exercê-la sem uma outra coisa que é dada de fora ao indivíduo: a língua. É preciso que o conjunto de seus semelhantes lhe dê o meio para isso que chamamos de língua” (BOUQUET 2004, p. 125, grifo no original). Por outro lado, a língua depende da fala, porque “é a fala que faz evoluir a língua” (p. 27). Explicitando melhor esse posicionamento, Saussure nos diz que “é na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. (...) a forma, freqüentemente repetida e aceita pela comunidade [torna-se] um fato de língua.” (p. 115) Portanto, a língua, para evoluir, depende de indivíduos usando algum item inovador que, por sua repetição, será incorporado ao sistema da língua. Por esta razão, “é preciso (...) lançar um olhar sobre o jogo da linguagem no indivíduo. (...) o mecanismo individual não pode deixar de repercutir no final, de uma maneira ou de outra, sobre o produto geral [a língua]” (BOUQUET 2004, p. 217). Assim, para Saussure, há uma *interdependência* entre os planos individual e coletivo nesse caso, enquanto, para Durkheim, “as duas ordens de fatos se apresentam freqüentemente em estado de dissociação” (DURKHEIM 1984, p. 6). Bem entendido, Saussure permanece com o olhar sobre a parte social da dicotomia, mas sem esquecer que esse enfoque será apenas o “ponto de partida” para melhor “julgar” os “outros elementos da linguagem” (BOUQUET 2004, p. 218, n. 38), certamente incluindo aí a *fala*.

A constatação do imbricamento entre *língua* e *fala* coloca-se como um empecilho a estabelecer qualquer separação estanque e definitiva entre estas noções. Embora tal aspecto já tivesse sido classificada por Saussure, ao longo do terceiro curso, como “questão difícil de resolver” (BOUQUET 2004, p. 272) (o que evidencia a natureza inacabada dessa reflexão por parte de Saussure), o texto do *Curso* apresenta esse dilema como resolvido (conforme aponta Bouquet, 2004, p. 273), “ocultando o lugar da lingüística da fala do edifício saussuriano” (BOUQUET 2004, p. 218, n. 38), assim entrando para a

<sup>23</sup> Aqui, entendemos a *faculdade de linguagem articulada* como fazendo referência à *fala*, porque trata-se de uma faculdade *articulada*.



posteridade e sendo, conseqüentemente, alvo de múltiplas críticas.

Evidentemente, nem Durkheim nem Saussure ignoram, em suas discussões, a existência do plano psíquico individual, e isso os obrigou a ter que lidar, de alguma forma, com o papel que a psicologia tem dentro dos princípios epistemológicos que estão traçando. Durkheim, já em seu *Da Divisão do Trabalho Social*, afirmava que “não se deve apresentar a vida social como um simples resultado das naturezas individuais, pois, ao contrário, são antes estas que resultam daquela” (DURKHEIM 1995, p. 361), isto é, as personalidades particulares se constituem, adquirem consciência de si apenas na coletividade, na sociedade. Portanto, na busca por explicações para os fenômenos sociais, a psicologia (seja entendida como explicação em termos de estados mentais individuais ou em termos de fatores orgânico-psíquicos, hereditários, que influiriam no comportamento social dos indivíduos (vide LUKES 1973, p. 18)) não contempla os fatos cruciais porque “o todo não é idêntico à soma de suas partes, constitui algo diferente e cujas propriedades divergem daquelas que apresentam as partes de que é composto” (DURKHEIM 1984, p. 89). Por isso, “a causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais anteriores, e não entre os estados de consciência individuais” (DURKHEIM 1984, p. 96), muito embora Durkheim admita que há “relações estreitas”<sup>24</sup> entre a vida coletiva e a vida individual (p. 96). Como lembra Lukes, “no curso de sua carreira, ele [Durkheim] tornou-se cada vez mais insistente no fato de que as realidades estudadas pela sociologia e pela psicologia eram igualmente mentais, embora de naturezas diferentes e governadas por leis diferentes.” (LUKES 1973, p. 16), de modo que “todas as vezes que um fenômeno social está explicado *diretamente* por um fenômeno psíquico, pode-se estar certo de que a explicação é falsa.” (DURKHEIM, 1984, p.91, grifo meu).

Já a posição de Saussure é, segundo Bouquet, de, ao mesmo tempo, aproximar e afastar lingüística e psicologia. Por um lado, o autor marca a lingüística como separada da psicologia, considerando que “nenhum psicólogo moderno ou antigo, ao fazer alusão à língua, ou mesmo ao considerá-la como um veículo essencial do pensamento, teve, nem por um instante, alguma idéia de suas leis” (SAUSSURE apud BOUQUET 2004, p. 170). Saussure pontuava que “os resultados da psicologia existente não poderiam ser de nenhuma utilidade para a lingüística” (BOUQUET 2004, p. 170) porque os psicólogos de seu tempo negligenciavam os aspectos fundamen-

<sup>24</sup> A citação completa é: “Se a vida coletiva não deriva da vida individual, uma e outra estão em relações estreitas; mesmo que a segunda não explique a primeira, pode, pelo menos, facilitar-lhe a explicação.” (DURKHEIM 1984, p. 96).

tais da língua (aspectos estes que fazem dela um objeto semiológico, ver abaixo). Nesse sentido, “o estudo da língua feito por outros que não lingüistas não ataca o assunto por seus lados *essenciais*” (BOUQUET 2004, p. 175, grifo nosso), posição muito semelhante à de Durkheim quando diz que “uma explicação puramente psicológica dos fatos sociais deixaria, pois, escapar tudo o que eles têm de *específico*, isto é, de social.” (DURKHEIM 1984, p. 93, grifo nosso).

Por outro lado, entretanto, é bom lembrar que Saussure, além de uma epistemologia da gramática comparada, propunha também uma epistemologia *programática* da lingüística, destacando que os desenvolvimentos da ciência da linguagem deveriam ter por fundamento uma “ciência dos signos” (a semiologia) isto é, um estudo mais geral dos sistemas de signos (entre os quais, estaria a língua). A lingüística, portanto, seria parte da semiologia, uma vez que “adotar o ponto de vista semiológico (...) permite determinar a natureza da linguagem e da língua” (BOUQUET 2004, p. 159), isto é, estudar sistemas de signos em geral traz uma nova luz para o estudo do sistema estritamente lingüístico. A semiologia, por seu turno, era concebida como uma parte da psicologia. Isso porque seus objetos (os signos) são entendidos como “‘corpos psicológicos’ que se movem num universo de ‘forças psicológicas’” (BOUQUET 2004, p. 169), “forças” essas que atuam sobre as duas partes de que se compõem os signos (significante e significado), que, por sua vez, tem um caráter “psíquico” (BOUQUET 2004, p. 94) também<sup>25</sup>. Assim, a lingüística, enquanto parte da semiologia, passa a ser reintegrada à psicologia (bem entendida aqui como uma psicologia *futura*, que contemple a língua de uma nova forma em vez de prosseguir na linha dos “psicólogos modernos e antigos” criticados por Saussure). Nesse termos, “a ciência dos lingüistas, não sendo nada mais do que *semiológica*, é por isso completamente compreendida de antemão na psicologia” (BOUQUET 2004, p. 168, grifo no original). Entretanto, apesar de destacar que o fato lingüístico é de natureza psíquica, Saussure reconhece que este objeto possui particularidades que *não* partilha com outros sistemas de signos. Assim, apenas a psicologia não será capaz subsidiar uma exploração da língua em *todas* as suas especificidades. Portanto, “no plano das propriedades específicas [à língua], é a independência disciplinar que Saussure enfatiza” (BOUQUET 2004, p. 174), e, desse modo, é natural que haja “necessidade de noções que a psicologia geral não fornece, mesmo coletiva” (BOUQUET 2004, p. 173, n. 61). Por isso, “caberá ao lingüista fazer da lingüística uma ciência semiológica distinguindo-a de outras ci-

<sup>25</sup> Aqui não parece haver diferença entre as noções de “psicológico” e “psíquico” para Saussure.



ências semiológicas” (BOUQUET 2004, p. 173, n. 61).

Assim, tanto Saussure quanto Durkheim reconhecem que há relações próximas entre as disciplinas que estão querendo consolidar e a psicologia. Embora adotem posturas um pouco diferentes quanto à localização da psicologia dentro de suas discussões (para Durkheim, as explicações sociológicas devem ser independentes das explicações psicológicas e, para Saussure, a lingüística está inserida numa psicologia semiológica futura), ambos destacam que seus focos de atenção estão para além do que a psicologia (de época) por si só poderia proporcionar e que extrapolam, portanto, os limites dessa disciplina. Assim, essa distinção frente à psicologia torna-se mais um argumento forte para sustentar a cientificidade e a razão de ser do estabelecimento de uma sociologia e de uma lingüística sob novas bases no panorama das ciências humanas.

Ainda, é interessante notar que tanto o discurso de Saussure quanto o de Durkheim explicitam um desejo por afirmar o grau de realidade de seus objetos de pesquisa, impedindo que sejam relegados ao campo das meras abstrações.

Durkheim advoga que “os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas” (DURKHEIM 1984, p. 24). Com isso, Durkheim estava procurando estabelecer que o objeto de pesquisa da sociologia *não* deveria ser as *idéias* que se fazem a respeito dos fenômenos sociais, mas sim os próprios fenômenos tais como dados à observação; as idéias (noções formuladas antes e fora dos preceitos metódicos da ciência, com base em nossas experiências no mundo) não devem tomar “o lugar dos fatos e [passar] a constituir a matéria da ciência” (DURKHEIM 1984, p. 26). Crucialmente, os fatos sociais, na qualidade de coisas, são, ao contrário das idéias, exteriores aos indivíduos e, por isso, são diretamente dados à observação, tendo caráter de realidade e sendo inspecionáveis pela investigação científica.

Saussure, por seu turno, pontua que “na língua, há um objeto de natureza *concreta* ainda que puramente espiritual [isto é, psicológico]” e que “estes signos [dos quais se compõem a língua] *não* são abstrações, por mais espirituais que sejam” (BOUQUET 2004, p. 94, grifos nossos). Com isso, Saussure reafirma a realidade do objeto que quer estudar sem abrir mão do fato de que trata-se de uma realidade psicológica (ou seja, não há contradição em ser concreto e psicológico ao mesmo tempo). É o que atesta a passagem a seguir: “Ao mesmo tempo psicológico e concreto, o objeto lingüístico é assimilável nessa medida a um objeto natural, a uma *coisa* neste mundo” (BOUQUET 2004, p. 222, grifo nosso). Ainda, Saussure “adverte os alunos contra os perigos de uma concepção *a priori* dos traços gerais da língua: a uma tal concepção pertenceria, diz ele, (...) uma abordagem baseada na *idéia*” (BOUQUET 2004, p. 125, grifo meu). Notem-se, aqui, as aproximações com a concepção durkheimiana, de ver os fatos lingüísticos como “coisas” (ou seja, como entidades que têm realidade) e o

perigo iminente de conceber o objeto a partir de idéias preconcebidas, anteriores à ciência. Assim, no intuito de garantir a cientificidade de sua prática, “é preciso, então, que o sociólogo [e também o lingüista] (...) proíba resolutamente a si próprio o emprego de conceitos formados exteriormente à ciência e para fins que nada têm de científico” (DURKHEIM 1984, p. 28), isto é, “é preciso afastar sistematicamente todas as prenoções” (1984, p. 27).

Em lugar de se ancorar em idéias preconcebidas, o método que o lingüista deve seguir na busca pelos “traços gerais da língua” será, segundo Saussure, a observação da diversidade de línguas existente; “pela observação dessas línguas, [o lingüista] poderá extrair traços gerais, ele reterá tudo o que parece essencial e universal, para deixar de lado o particular e o acidental (...) Na língua, nós resumimos o que podemos observar nas diferentes línguas” (BOUQUET 2004, p. 120). Assim também pensava Durkheim a respeito dos fenômenos sociais: “quando determinados caracteres são encontrados de maneira idêntica e sem nenhuma exceção em todos os fenômenos de uma certa ordem, podemos estar seguros de que se ligam estreitamente à natureza destes últimos e deles são solidários” (DURKHEIM 1984, p. 37).

Por fim, Saussure dizia que “querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar as diversas manifestações que evidentemente são as *línguas* é uma empreitada absolutamente vã e quimérica” (BOUQUET 2004, p. 124), ou seja, o estudo *das línguas* é o ponto de partida. Com isso, Saussure destaca que não é possível atingir a *língua* sem passar *pelas línguas*, porque “a coisa dada [ou seja, a realidade que se permite observar] não é apenas a língua, mas *as línguas*. E, no início, o lingüista está na impossibilidade de estudar outras coisas além da diversidade das línguas. Ele deve, primeiramente, estudar as línguas, o máximo possível de línguas (...). É assim que procedemos.” (BOUQUET 2004, p. 125-126). No mesmo sentido, Durkheim indicava que, a fim de apreender os caracteres mais profundos e essenciais dos fatos sociais, o ponto de partida seria a investigação de grupos de fenômenos reunidos com base em caracteres externos comuns, dados à observação do sociólogo; querer alcançar os caracteres essenciais antes de proceder à investigação científica resultaria no equívoco<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> A citação completa é:

No momento em que a pesquisa começa, quando os fatos não foram ainda submetidos a nenhuma elaboração, os únicos de seus caracteres que podem ser atingidos são os que se mostram assaz exteriores para se tornarem imediatamente visíveis. Os que estão mais profundamente situados são, sem dúvida, mais essenciais; seu valor explicativo é mais elevado, mas ainda são desconhecidos nessa fase da ciência, e não podem ser apreendidos antecipadamente senão substituindo-se à realidade alguma concepção do espírito [isto é, alguma prenoção] (DURKHEIM 1984, p. 30).



Assim, embora a lingüística e a sociologia tratem de objetos distintos, há uma preocupação em comum em reafirmar a existência real, a tangibilidade dos objetos de interesse de ambas e de afastar concepções apriorísticas do discurso científico.

## CONCLUSÃO

Retomando a questão com que se iniciou esse trabalho, parece possível dizer que há relações importantes, em vários planos, entre os discursos de Saussure e de Durkheim. Em ambos, conforme destacamos em nossa análise, as dicotomias têm papel importante (entre as quais elegemos a dicotomia *indivíduo/coletivo* para discussão mais detida), há uma preocupação em delimitar-se frente à psicologia e uma preocupação em reivindicar um grau de realidade aos respectivos objetos de pesquisa. Evidentemente, há também divergências importantes, especialmente, como já se disse, em função de que se tratam de disciplinas diferentes, com propósitos metodológicos diversos e específicos.

Há, na verdade, um vai-e-vem na relação entre os posicionamentos de Saussure e Durkheim; ora suas relações com a psicologia se assemelham, ora se diferenciam; ora convergem no entendimento de que há uma oposição entre *indivíduo* e *coletivo*, ora divergem. Daí se possa dizer que, ao contrário de Meillet (que se declarava um durkheimiano<sup>27</sup>), Saussure ora se aproxima, ora se afasta dos posicionamentos epistemológicos de Durkheim para a sociologia nascente.

Entretanto, parece ser uma avaliação um tanto superficial considerar que “a menção conjunta, nas aulas, à psicologia e à sociologia” (BOUQUET 2004, p. 168) se justifique por uma mera preocupação de Saussure de “suavizar” a relação que estava procurando estabelecer entre a semiologia e a psicologia (que poderia ter caráter “polêmico”). Se é verdade, como já se disse acima, que Saussure não se propõe a fazer uma análise do funcionamento social da língua (o que fica manifesto na afirmação de que “para nós, a questão de saber se a língua é um fato social ou não é indiferente”, conforme destacada por Bouquet (2004, p. 169)), isso não o impede de reconhecer que a *língua* é um objeto que tem realidade social (incorporando esse elemento social recorrentemente na definição e delimitação que

<sup>27</sup> Meillet afirmou inclusive que “o caráter social da linguagem ‘se insere exatamente na definição proposta por Durkheim’” (MEILLET apud BOUQUET 2004, p. 168, n. 37).

propõe para esse objeto<sup>28</sup>) e de dialogar com as concepções sociológicas francesas efervescentes na sua época. Como pontua Culler, “embora a influência de Durkheim sobre Saussure tenha sido freqüentemente insinuada, muito mais importante que quaisquer possíveis empréstimos superficiais são as afinidades entre os projetos fundamentais [desses pensadores] e, em particular, as configurações epistemológicas das disciplinas que fundaram” (CULLER 1979, p. 67). Concordando com Culler, buscamos expor e discutir algumas dessas afinidades ao longo do presente trabalho, argumentando mais em favor de pontos de contato do que de respostas conclusivas a respeito de possíveis influências diretas entre os dois pensadores.

Com isso, enfocamos Saussure não apenas como um intelectual dedicado a pensar o estatuto autônomo de uma ciência lingüística, mas também como um homem do seu tempo, sintonizado com as discussões epistemológicas efervescentes naquele momento de emancipação de diversas áreas, compartilhando com pensadores contemporâneos seus (Durkheim entre eles), além do ambiente acadêmico, concepções sobre ciência e sobre o fazer científico. Ver Saussure sob essa perspectiva é apreciar seu legado intelectual para além de noções fundantes como *língua/fala* e *significante/significado*, e esperamos ter apontado nessa direção a partir do breve esboço comparativo que apresentamos neste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- ALPERT, Harry. *Durkheim*. Fondo de Cultura Economica, 1945.  
BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.  
CALVET, Louis-Jean. *Saussure pró e contra*. São Paulo: Cultrix, 1977.  
CÂMARA, Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1990.  
CULLER, Jonathan. *As Idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.  
DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. Vol 1.

<sup>28</sup> Em nota a respeito do segundo curso, Riedlinger aponta

Seja qual for exatamente o círculo a traçar em torno da língua, é evidente que temos diante de nós uma ação *social* do homem bastante específica para constituir uma disciplina. Todos esses fatos constituirão o objeto de uma disciplina, de um ramo das ciências que deriva da psicologia e da sociologia (BOUQUET 2004, p. 168).



- \_\_\_\_\_. *História do Estruturalismo: o canto do cisne* São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. Vol 2.
- DOROSZEWSKI, W. Algunas observaciones sobre las relaciones de la sociologia com la lingüística: Durkheim y F. de Saussure. In: *Psicologia del Lenguaje*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1958.
- DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- FLORES, Valdir. *Ler Saussure Hoje: o Curso e os Anagramas*. In: *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 43-60, setembro/outubro 2003.
- \_\_\_\_\_. Estudos da linguagem e psicanálise: das (im) possibilidades se elas existem. In: II SEMAD. Uberlândia, MG, 2006 (no prelo).
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa, Portugal: Vega, 1971.
- LUKES, Steven. *Émile Durkheim. His life and work: a historical and critical study*. Penguin Books, 1973.
- MOUNIN, Georges. *Saussure Presentación y Textos*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1968.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. (Organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler)
- STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.